

O numeroso acompanhamento que teve seu préstito é uma prova da sympathia de que gozava em nosso meio.

Emviámos ao Ulysses nosso sentido abraço de pesames.

O Partido Operario desta capital, pór intermedio de sua directoria, pede nosso auxilio para a kermesse que pretende realizar no dia 24 de Dezembro proximo em beneficio das aulas nocturnas que funcçionam no salão das sessões do mesmo Partido.

Pois não ? Fique certo o Partido Operario de que a Padaria achará um meio de concorrer para o exito de tão generoso desigño.

A' falta de corridas no Prado, o povo tem corrido para o Circo que é um Deus nos acuda.

Os partidos azul e encarnado estão definitivamente organizados, e consta que o sr. deputado Agapito assumiu a chefia do primeiro.

Sobre os teus olhos sem par,
De um brilho suave e vago,
Anda minh'alma a boiar
Como um cysne sobre um lago.

S.

--Tens cigarros ?

--Cigarros não tenho ; mas charutos . . .

-- ?

-- também não tenho.

Nosso collega d'A Republica está, sem duvida, sendo victima de uma brincadeira de mau gosto.

Nos seus ultimos numeros tem apparecido sonetos assignados por Damaso Salcede, que é nem mais nem menos do que um irrisorio e desfructavel typo d'Os Meias de Eça Queiroz !

Ora o Damaso, o monumental Damaso do Eça, fazendo sonetos para A Republica !

Tem graça

O dia dos mortos teve este anno um esplendor nunca visto.

Enorme a quantidade de pessoas que affluiram ao cemiterio ; enorme a quantidade de corôas e flores naturaes que enfeitavam os tumulos.

O respeito e acatamento devido aos mortos é que não foi enorme.

Não, senhores : 95 por cento dos homens que estavam no cemiterio conservavam seu chapéu na cabeça e a maior parte delles fumava com o mesmo desembaraço em que fuma na Avenida ou no Prado :

Nós, apesar de nossa liberdade de pensamento, tirámos nosso chapéu ao transpormos o portão e deitámos fóra nosso charuto ; entretanto a burguezia caróla procedia da maneira porque já dissemos acima.

E' realmente, muito engraçada a religiosidade dos senhores burguezes ?

Mas — quem sabe ? Talvez essa gente fizesse bem em se conservar tampada

Vem por ahi o Ficarra, o sympathico e talentoso artista, á frente de um companhia de operetas.

Ora, ainda bem que vác ter um entretenimento as pessoas que não são correligionarias dos azues ou dos encarnados

Ha tempos me parafusa
a mente certa lembrança:
traçar na téla da musa
o teu retrato, criança

S.

Consta-nos que a Directorio

Cassino propoz á Assembléa Legislativa a venda desse edificio com o fim de ser aproveitado para Bibliotheca Publica.

Ora, ahi está uma idéa contra a qual não podemos deixar de erguer nossa debil voz, porque, em nossa opinião, o Cassino só presta para o fogo.

Atirem os livros da Bibliotheca dentro d'aquella baiúca, e dentro em pouco o môfo e a traça terão dado cabo de todos elles.

O Cassino feito Bibliotheca...
Livra!

—o—

Cumulo de gulodice :
Comer bolos de... palmatoria.

—o— W:

PELO ENCILHAMENTO

As corridas de hoje promettêm ser as melhores que tem havido no Prado, attento aos excellentes pareos que se acham organisados.

Como sujeito inteiramente enfarinhado em cousas sportivas, offereço aos leitores d'O Pão os seguintes palpites :

1.º pareo: *Beija-flor* em 1.º e *Colombo* em 2.º.

2.º pareo: *Csar* em 1.º e *Palchà* em 2.º.

3.º pareo: *Ernani* em 1.º e *Aventureiro* em 2.º.

4.º pareo: *Condor* em 1.º e *Fumaça* em 2.º.

5.º pareo: *Sirôco* em 1.º e *Trahira* em 2.º.

6.º pareo: *Medalhinha* em 1.º e *Faisca* em 2.º.

—
Do Amazonas, com escalas pelo prado do Pará, onde bateu cavallos de meio sangue, chegou o cavallo *Jaçanã*, um bello animal castanho vermelho e muito elegante, de propriedade dos Srs. Francisco de Salles Torres, Palhabote & Antonio Amaral.

—
De Pernambuco chegou o cavallo *Flecha* ja exhibido no prado do Recife.

Apezar de barrigudo, o que desmente a esguiez de seu nome, o *Flecha* é um cavallo fogoso, possante e de muito ôlego.

E' seu proprietario, o Sr. José Pio.

—
De S. Francisco, deste Estado, chegou o cavallo *Colombo*, um bonito e brioso castanho, pertencente ao Sr. Antonio Queiroz.

Acha-se inscripto para as corridas de hoje no 1.º pareo.

—
Tambem de S. Francisco, chegou *Othello*, um magnifico pedrez, de propriedade do Sr. Neutel Bastos.

Paulo Kandalaskaia.

—:—

Typ. d'O Combate— Ruz Formoza n. 131.

ANNO I

O PÃO

NUM. 4

... da Pedaria Espiritual

Numero avulso 100 rs.
Assignaturas para capital por mez 500 rs. |
Pagamento adiantado

Numero anterior 200 rs.
Não se accêta collaboraçõe.
Amor e trabalho.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos accetar assignaturas, para o interior a 2:000 rs. por trimestre.

NOTA: o pagamento será adiantado.

PÃO

Fortaleza, 13 de Novembro de 1892.

Artigo de fundo

(DO COMO VAI SENDO DERIGIDA ACTUALMENTE A FERRO CARRIL)

Não somos lá uma instituição, bem o sabemos; mas também não somos lá uma inutilidade, como quer parecer a SS. os Srs. burguezes, que, para honra nossa, tanto mal nos querem.

Não! quando é preciso somos os primeiros a esquecer futilidades como os sonetos do Mario Chaves e a voltar o espirito para as cousas positivamente sérias.

Agora mesmo vamos tomar a peito, com todas as forças que nos animam, a questão mais séria da actualidade e consequentemente a questão que mais preoccupa actualmente o espirito do respeitavel publico.

Referimo-nos á direcção que vai tendo o serviço da Companhia Ferro Carril.

O serviço da Ferro Carril, leitores, pode ser tudo: confusão, anarchia, desordem, chãos e outras tantas cousas semelhantes, nunca; porem, direcção.

Para prova de tão lastimavel verdade, não é preciso que recorramos aos incidentes que se reproduzem cada dia e em cada linha da Ferro Carril; basta que voltemos as vistas para o movimento da P. do Ferreira para o Prado, todos os domingos.

Aquillo é simplesmente um horror. Cada familia, ou para melhor dizermos, cada simples mortal que se disporer a ir ao Prado deve fa-

zer seu testamento, ou a revelação de sua ultima vontade, e tomar todos os sacramentos da ultima hora, por que, sem o menor exagero, vai correr em semelhante trajecto o maior perigo da vida.

Jesus Christo, no caminho do calvario, não foi capaz de supportar via tão dolorosa.

Por volta das 11 horas do dia chega-se á P. de Ferreira, e ali se encontra de um lado e outro da linha cerca de 2000 pessoas, disputando cada uma por sua vez um logarinho em cinco ou seis carros que a illustre companhia digna-se offerer á concorrencia publica.

W. TUPINIQUIM.

(Continua)

A branda luz dos teus olhos
lembra um pharol peregrino.
a bilbar entre os abrolhos
do meu sombrio destino.

S.

Confeitos

JA E' TARDE !

E' alli naquella bosque solitario, á mesma hora adiantada do crepusculo, quando os passarinhos, rumorejando as azas pelas folhas, buscam poisada na copa das arvores---que os namorados Luiz e Bertha, se separam todos os dias, felizes, repassados de ventura e de amor.

Eil-os de novo sentados ao pé da janipaba, juntinhos como um casal em lua de mel. O sol não tarda pôr-se, já das serranias distantes vão as sombras procurando os valles; prolongando o negro manto, para diante, para diante, extenso e infindavel como se quizesse envolver toda a terra.

Os dois nem erguem-se para partir como se não bastassem as cousas cheias de doçura e paixão que disseram, para se verem e amarem-se outra vez em sonho na longa noite que se aproxima.

Um instante cahem em si, no meio daquella especie de lethargo de amor, em que se haviam esquecido...

---Luiz, diz Bertha, sobressaltada, fitando as sombras que ameaçam cobrir o solo, já é quasi noite !

E suspende-se um pouco, como implorando para sahir, mas este enlaça-a com um braço pela cintura, brandamente, atrahindo-a para si.

---Não, não, supplica este meiguamente. Mais um momento. Está tão claro ainda! Escuta, meu amor, a noite é, longa e solitaria : deixa, antes que ella venha, ue eu olhe bem para ti, assim . . . que eu coatemple os teus olhos, a tua bocca e veja a curva de teu nariz que acaba tão linda. Si tu juras amar-me e cré no meu puro amor, porque temes estar conmigo, mais um instante ?

---Luiz...

---Escuta, flôr, não quero que vás agora. Outra hora de felicidade...

E com ella ainda cingida como para retel-a, fita-a supplicante,

O PÃO

com ternura inefavel. Está tão bella!

Os últimos raios do sol desapareceram no horisonte obscurecido e lá, longe, no centro do bosque, sob os arvoredos e noite... é noite.

—Luiz, diz Bertha, com receo querendo sahir-lhe dos braços, deixa-me ir, é tão tarde. Os seus olhos orvalham-se de duas lagrimas brilhantes que tremiam tremiam e cahiram em silencio.

—Tu não me amas, diz ele, si tu me amasses, que te importava a hora adiantada da noite, as tuas apprehensões, os teus temores?

Tudo se dissiparia ante a minha vontade que te diz que é cedo. Olha para mim não chores, não chores.

Eile aperta a contra o seio, sentindo-a solucar. Tudo om effeito é escuro, nem uma luz nem uma claridade. Até as estellas estão sob nuvens pesadisque enchem o céu enegrecido.

—Não chores, epete elle.

Bertha sente-se desmaiar.

Luiz opprime-a ainda, afagando-lhe a cabecinha, beijando de vagar com respeito e amor, a testa, os olhos a bocca, longa e suavemente...

E a noite já está tão escura, escura como uma noite de inverno...

Moghar Jandira.

—o—

Na Avenida :

—De onde vens assim tão amarello.

—De Amazonas.
Vens de vez?

Não; venho maduro...

SABBATINA

12 de Novembro

Sucedem-se os dias, passam as semanas, findam os mezes, e a vida, a triste vida humana figura-se-nos cada vez mais monotonica e mysteriosa, com as suas suas miserias eternas e o eterno desespero daquelles que, por uma lei absurda e estúpida, são obrigados a trabalhar, como uma besta, de sol a sol, de manhã á noite, incessantemente, sem descanso, para o fim de não morrer p'r'ahi, de fome, como cães sem dono, n'um desprezo absoluto, aos pontapés da burguesia rica.

Por isto é que eu digo, submisso e resignado, com uma lagrima a tremeluzir indecisa no canto do olho esquerdo.—Felizes os que têm bastante dinheiro para jogar no Prado, e que dispõem de magnificos pulmões para gritar, como uns possessos, no auge de um enthusiasmo todo hypico— *Merecem na ponta!*

Estas reflexões farias-as quem quer que estivesse no meu lugar, sem vintem no bolso para ir ao Prado domingo, e, o que mais é, sem um assumpto para a chronica de hoje.

Nada mais triste do que uma pessoa ser doida por cavallos e ver-se constrangida, por força das circunstancias *nickinas*, a não pôr os pésinhos no Prado e a deixar-se ficar em casa, burguezmente, estupidamente, ruminando planos inexequiveis, a construir castellos no ar, com um tedio sem nome a espicaçar-lhe todas as fibras de organismo, emquanto os outros, os felizes, lá vão áquellas horas, radiantes de contentamento, com os bolsos recheados, gosar as tepidas emoções de um dia de sol no Prado.

—Chorar não vale, dirá o leitor com justa razão ao ler este pedaço de philosophia d'algibeira.

Mas, que diabo! a gente tem nervos e o nervo é tudo na vida humana. O nervo é o vehiculo de todas as sensações que a humanidade experimenta. O nervo faz rir, o nervo faz chorar. Um homem, sem nervo é... é o que os senhores quizerem, mas não presta p'ra nada.

Agora, si o leitor não tem nervos, então fica o dito por não dito, e vamos a ver o que diz o meu canhenho de notas...

* * *

Só p'ra moer. O sr. Mario Chaves fez-nos o favor de ler o que dissemos sobre a sua reverendissima pessoa, e, quando menos esperavamos, dedicou-nos um soneto daquelles que s. s. faz às duzias, a titulo de *poesia materialista*. Agradecidos, agradecidos; mas, permitta-nos o sr. Chaves que lhe devolvamos intacto, como sabiu de suas entranhas queremos dizer das entranhas de seu cerebro, o referido *mimo ao Pão*.

Aqui em casa só se recebe objectos de valor, e o soneto do sr. Chaves não tem valor nenhum.

Entretanto, para não desgostarmos ao illustre *moedor* da «Republica», offerecemos-lhe uma lista dos principaes deuses e semi-deuses da mythologis antiga, como subsidio aos seus estudos.

Eil-a: «Jupiter, Jehovah, Allah, Adonai, Theos ou God (chamem-lhe mesmo Senhor)» Apollo, Abellion, Adite, Aghui, A-houra-Mazda, Ammon, Argaman, Vischnú, Vitzliputzli, Vertumno, Phtha ou Fta etc. etc. etc., e mais todos os philosophos citados pelo sr. José Faustino na sua *Memo-ria sobre as quantidades negativas*.

Ficamos quite nós e a «besta úa» do sr. Chaves. Adeusinho

Felix Guanabarno

—(o)—

Minha flor de rosmaninho,
Oh minha estrella polar,
Ilumina o meu caminho
Com os raios de teu olhar.

S.

—
Entrou Coringa e o Jesuino :
A cura está o «caimbo» ?
«Num» sei :
«Num» arrecebeu «taxa» ?
Agora, não; arrecebi pregos.

—o—
CARTEIRA

Folheando nossa carteira, encontramos as seguintes notas :

* * *

Chegou afinal a Companhia de Operetas, que fará sua estréa terça feira proxima.

Entre as peças ainda não conhecida de nosso publico, conta a companhia as excellentes operetas *Surcouf*, *Amor volhado* e outras.

Contamos por certo que a companhia vai ter casa cheia em todos os espectaculos, attento á sympathia de que gozam alguns de seus artfistas e á queda que tem nosso povo pelas musicas ligeiras e pelas pernas mais ligeiras ainda que se exhibem no saracoteio dos can-cans.

* * *

Cumulo de deshumanidade :
— Negar mortalha para um... cigarro.

W.

Realisou-se esta noite nos salões do Club Iraçema a partida inaugural do Club Stella, que por signal esteve deliciosa.

Rapazes alegres por indole, como somos, só temos que applaudir a o apparecimento de mais uma sociedade de dança, porque não ha nada mais idiota do que um sujeito *sério*, na accepção car-rancuda da palavra.

Mil graças pelo amavel convite que nos foi dirigido.

EPIGRAMMA

As cobras que tem no anel
Certo medico allopatha,
São, de certo, cascavel:
—Onde elle põe a mão—mata.

M.

—(o)—

Cumulo de fraqueza, :
Não ter torça para erguer
...um brinde.

S.

—(o)—

N'uma roda de calçada :
— Ai, ai ! — diz um rapaz es-
preguiçando-se n'uma cadeira, —
estou muito preciso de um acon-
chego....

Uma senhora que está a seu
lado. entende mal e pergunta
muito admirada :

— De uma cocheira ? !

—:—

CELEBRIDADES CON- TEMPORANEAS

VII

Condor

Filho de Sobral, terra que tem
dado tantos filhos illustres ao
Ceará e que o Diogenes chama a
«princesa dos sertões». o Connor

tem mostrado em nosso hypodro-
mo a rasão de ser do proverbial
orgulho sobralense.

Educado pelo Diomedes, o rei
dos nossos jockeys, o Condôr en-
trou no Prado com tres de quem
entra em casa do sogro.

E tinha rasão, porque as suas
primeiras corridas foram outras
tantas victorias.

Enthusiasmado com isso, um
cidadão afrouxou os cordões da
bolsa e comprou-o por uma som-
ma um tanto exagerada.

Parece que o brioso animal
sentiu-se da ingratição do Diome-
des, porque, domingo passado, fez
uma figura bem rata, benza-a
Deus.

Alguns maliciosos affirmam,
porem, que a derrota do Condor
foi devido ao desgosto que lhe
causa o appellido do seu actual
proprietario, o que faz com que
elle se confunda com os cavallos
do circo que são *montados* pelo
dr. Lulu.

VIII

Surcouf

Um cavallinho cheio de «cho-
ve e não molha».

Dias ha em que põe o Cicero
doido de alegria e com os bolsos
recheiados de *brutas* de cem.

Em outros dias, porem, dei-
xa-se ficar na ponta... de traz,
deixando o Cicero com os bolsos
virados pelo avesso e com a cabe-
ça inda mais pellada.

Como nas duas ultimas corri-
das tenha o Surcouf se conserva-
do na bagagem, é provavel-
que hoje tome uma desforra, fa-
zendo ao publico uma de suas
costumadas surpresas.

Os leitores d'«OPão» não fazem mal, pois, em arriscar uma poule no Surcouf.

*
IX
*

Quixadá

O facto mais notavel de sua carreira (carreira aqui significa a profissão e não o acto de correr) foi a sua rivalidade com o Fumaça, o que deu logar a curiosos e encançados pugilatos, de que sahio vencido, embora com diminuta vantagem.

Mas, como todo sujeito, que apanha, o Quixadá desgostou-se, de formas que estes últimos tempos não têm sido de rosas para elle e, por conseguinte, para o João Balthasar.

O Quixadá, é, entretanto, um valente animal apto para as mais brilhantes victorias.

M.

—o—
Cumulo de voluptuosidade.

—Beijar a bocca. .. da noite.

S.

—o—
Authutico :

Passa um menino vendendo agua e diz-lhe um gaia-to :

— Vai vender alli na *Padaria Espiritual*.

— E aquillo é padaria ?

Não é, não, mas chamam....

Cumulo de soffrimento :

— Tragar o calix... de uma flor.

W.

BOLACHINHAS

O circo de cavallinho
Que o povo tanto aprecia,
E' hoje que o delicia
O gosto do Zê-Povinho

Além dos demais artistas,
Tem o circo a Mariquinha,
Dois negros equilibristas,
A Georgina e a Cotinha.

E o bode, pelo que vejo,
Conforme se diz e conta,
Tem-nos dado bom *coitejo*
Está na ponta... da ponta !

Polycarpo Estouro.

—o—

MALACACHETAS

V

Saio p'ra ver a *pequena*,
— Contente, flor na lapella ;
A tarde serena e bella
Inunda a amplidão serena.

Si eu não a encontrar que pena !
Eis ali á casa d'ella...
Vejo um vulto na janella...
Parece que alguém me acena...

Mas a sorte malsadada
Minha esperança mallogra ;
E sinto um frio na espinha

Porque vejo na sacada
A minha futura sogra
— Magra, terrivel, sósinha !

Meacyr Jurem.

Um pote de doce

Nosso collega Lucas Bisarro, que se acha exilado em Granja, teve uma idéa bisarramente gentil, so digna delle.

Imaginem qual fosse a idéa do Lucas...

Não advinham ?

Pois fiquem sabendo que o Lucas mandou à Padaria, pelo ultimo vapor, nada mais nada menos do que um pote de doce de cajús acompanhado de um punhado de quadras tão doces tambem que nós achamos que o que elle mandou foi um punhado de cajús rimados e um pote de versos em calda de assucar.

Emtendendo que o pote de doce não chega para os leitores d"O Pão", resolvemos offerecer-lhes somente os versos -- deliciosos bons -- boccados que a gente devora com os olhos.

Eis os versos :

PADEIROS,

I

Desse potinho de barro
Vão o miolo comendo,
Qual se estivessem mordendo
O proprio Lucas Bizarro.

Tupiniquim que presida
E o Moacyr que reparta
Deformas que fique farta
Vossa pança... *cajúcida*

O glorioso Jaguar
E o terramotal Estoiro,
Cubrão com pilherias doiro
A nudez do meu *jantar*.

Que trocem a burguezia
O Satyro e o Frivolino,
E dê *ondias* de harmonia
O Sarazat no violino

O bom e grave Correggio
Não seja de tinta avaro :
Pinte um medonho ignaro
Com ar do professor regio

Eu lembro que tomem nota
Para que haja o que agrada :
— O foguete da anedocta
E a bomba de gargalhada.

E para que isso saia
Que passe do riso ao choro
Chamem um que faça côro
Com o Paulo Kandalaskaia.

O' Felix Guanabarino,
Para que tu não me escapes,
Traça uma chronica a lapis
Desse banquete genuino

II

Vamos, comei-me esse doce
Gulosa, soffregamente !
Modestissimo presente
D'um padeiro que lembrou-se

Dessa bohemia alegria,
Desse aconchego divino
Que fazem da Padaria
O nosso Bairro Latino.

Pois creio que até Jezus
De tedio cansado e morno
A's vezes desce da Cruz
E vai flunar pelo forno . . .

Conclúo. Não me agradeçam
Por quem são não se incomodem
Vá ! os pilherias que desçam
E os cumprimentos que rodem !

Que eu em nome da Alegria,
Dos alvos rizos guereiros

Lego o meu doce aos Padeiros,
E o meu pote á Padaria...

Lucas Bizarro.

Granja, Novembro de 1892.

—o—

SACCO DE OSTRAS

(MAXIMAS E PENSAMENTOS)

O o dio é o caminho mais curto
para chegar ao amor.

Paulo Kandalaskaia

* * *
O burguez é comô uma boia
não vive nem vegéta — fluctua.

Satyro Alegrete.

* * *
A actual falta de trocos é a ta-
boa de salvação dos caloteiros.

Polycarpo Estouro.

* * *
O ciume é o tempêro do amor

Silvino Batalha.

* * *
A confissão é o labarraque da
consciencia.

Wencesláo Tupiniquim

* * *
O Evangelho é o maior monu-
mento philosophico de todos os
tempos.

Anatolio Gerval.

* * *
Amor... uma excellente rima
p'ra Dor!

Moacyr Jurema

ENTRE UM PADEIRO E O MESIANO

Tem monoculos ?
Tenho. .
Deixe ver dos mais finos.
E' o que ha de mais fino (mos-
trando).

Ora... estes não servem
Não servem ? !
Não, snr.
Porque ? !
Porque não são finos.

Ora, não são finos !... E o snr.
encontra mais finos de que estes ?
Não sei ; mas o que é certo é
que estes não servem absoluta-
mente ; queria cousa muito mais
fina, custasse o que custasse.

Mas então para quem é este
monoculo ?

Ora p'ra quem é ! o Snr não
tem nada que ver com isso.

Sim ; mas eu pergunto porque
as pessoas mais exigentes ficam
satisfeitos com estes.

Pois bem ; é para.. o Olho da
Providencia....

W.

—o—

Entre dous Padeiros :
—E' bem certo o adagio :
—casa de ferreiro, espêto
de páu.

—A proposito de que vem
isso ?

—A proposito de não te-
rem chave os sonetos do Ma-
rio Chaves.

—Perfeitamente ! E' o ca-
so de perguntar : — seu Ma-
rio, que dê las chaves ?

Typ. d'O Combate— Rua
Formoza n. 131.

ANNO I

O PÃO

NUM. 5

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 100 rs.
Assignaturas para capital por mez 500 rs.
Pagamento adiantado

Numero anterior 200 rs.
Não se aceita collaboraçã.
Amor e trabalho.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, reolvemos accetar assignaturas, para o interior a 3000 rs. por trimestre.
NOTA: o pagamento será adiantado.

O PÃO

Fortaleza, 24 de Dezembro de 1892.

Artigo de fundo

Afim de festejar a grande data do nascimento de Jesus — extraordinario philosopho do Evangelho, o infemerato revolucionario do Bem, resolvemos brindar nossos leitores distribuindo gratuitamente este numero d' "O-Pão"

Damos o que temos; e esperamos que os leitores mandem-nos os nossos «Reis» como é da praxe entre as pessoas que se estimam, pois só assim podere-mos saborear os mil e um divertimentos que se preparam para enterrar alegremente este anno comprido e ruim.

O povo agita-se satisfeitamente

á espera do grande dia que ha de iniciar as poeticas e deliciosas festas do Natal.

Os clubs, a Porangaba, casas particulares, congos, fandangos, pastorinhas, bumba-meu-boi, tudo prepara se para celebrar as brilhantes exequias de 92, que não tem sido para que digamos...

93 pronuncia-se prometteedor de paz e de inverno, que é a pedra philosophal da felicidade do Ceará.

A todos os nossos conterraneos enviemos nossos bons desejos de ventura no anno proximo e esperamos que o mesmo desejem a no's.

Amem.

—o—

Cumulo de habilidade de um dentista:

Fazer uma dentadura com dentes... de alho.

P.

—o—

Aos bons amigos, leitores, Que leem nosso Jornal, Desejamos que entre flores Vejam passar o Natal.

A.

ABEL BOTELHO

Nossa bibliotheca acaba de receber um precioso contingente:—Abel Botelho, o eminente litterato portuguez, teve a gentileza de mimosear-nos com a remessa de tres livros seus— *Lyra insubmissa* (versos), *Germano* (drama em verso), e *Barão de Lavos*, o notavel romance que tão grande successo obteve no mundo das letras.

Summamente penhorados com tão valiosa offerta, enviamos a Abel Botelho as expressões de nosso profundo reconhecimento.

Um sujeito regressou da Europa contando muita novidade e dizendo que tinha corrido todas as cidades européas.

—Então, o Sr. sabe muita geographia!

—Não, respondeu o sujeito, não fui a esta cidade, mas estive perto

Cumulo de malvadeza :
Matar... o tempo.

S.

Sabbatina

24 de Dezembro.

Um dos mais bellos exemplos que nos legaram as adoraveis lendas do Christianismo é esse amor infinito, essa bondade incomparavel com que o Divino

Mestre agasalhava debaixo de sua tunica inconsutil a cabecinha loura das creanças, aureolando-as com o esplendor de seu olhar sereno e meigo.

«Deixai que venham a mim as creanças». Estas simples palavras traduzem toda a bondade de Jesus e revelam o seu grande amor aos simples. Que mulher não desejaria depôr o seu filho innocente aos pés do Nazareno para que elle o abençoasse com o effluvio bom de seu coração immaculado? Centenas de mães accudiam ao seu reclamo.

E, antes que ellas chegassem, as creanças estendiam de longe os bracinhos rechonchudos como implorando a benção paternal d'aquelle que se dizia Deus feito homem. E Jesus dizia :— Todo aquelle que se fizer pequeno como as creanças será o maior no meu coração.

A arvore do Natal com que os inglezes festejam o *Christmas* outra cousa não é senão o symbolo engenheiro do Christo chamando a si os innocentes.

Deixai que venham a mim as creanças, isto é, deixai que ellas se abriguem á arvore do Natal.

Por ser hoje o dia legendario das creanças é que nós, os grandes, os peccadores, assistimos com o olhar cheio d'essa nostalgia do passado que só acaba no tumulo, a alegria ruidosa e comovente dos *bébés*, d'essas creaturinhas invejaveis, cujo unico peccado é desejarem uma bone-

ca de grandes olhos azues e que chore como gente.

Entretanto ellas soã o consolo de uma boa porção do genero humano. Os avós, então, esses babam-se pelos netinhos.

—
Evocar o passado n'um dia como este é reviver os melhores tempos da nossa vida, quando ainda não tinhamos noção alguma das cousas e levavamos a existencia a rir ou a choramingar por frioleiras, n'uma indiferença absoluta a tudo e a todos, pedindo a Deus *allemis e calun-gas* e a moer a paciencia do pa-pae.

E o *bumba meu boi*? e os *con-gos*? e os *sandangos*? e todas essas festas tradicionaes que o po-vo se incumbia de crear para gaudio dos rapazes alegres?

... Tudo, tudo vai desappare-cendo com o patriotismo nacio-nal. O Natal, como o S. João e como todas as festas de caracter popular - vai degenerando em festa aristocratica.

Bonbons ás creanças e *bons an-nos* ao leitor é o que deseja o

Felix Guanabarno.

A santa creança que doura
A nossa alma, vem da luz
Que brotou da mangedoura
Aonde nasceu Jesus.

J.

ORPHÃ !

Ao Lucio Jaguar

I

Coitadinha, coitadinha,
Não conhece o amor dos pais !
Onde vaes, triste avesinha ?
Assim, tão só, ou 'c vaes ?

II

Um beijo de mãe, um beijo .
E' tão doce como o harpejo
De uma musica celeste...

Pobre creança... tão nova !
Que impia mão lançou á covã
O santo amor que perdeste ?

III

O amor de mãe — estrellinha
Que nos guia em vendavaes —
Perdeste-o quando novinha...

IV

E assim, tão só, onde vaes ?

Ceará—92

Anatolio Gerval.

—o—

Cumulo de força muscu-
lar :

Quebrar uma... esquina.
S.

No Falliabote.

Um pandego toma um copo de
cerveja, e ao sahir, diz ao caixei-
ro :

— Tome nota.

— Mas o senhor não tem credi-
to aqui.

— Pois se não tenho, abra !

Nascimento de Christo

Lá n'um recanto Florido da vi-
rente Bethlem, na Judéa, nascia
neste dia uma creança loura co-
mo ostrigaes egypcianos e que,
mais tarde, feito homem, havia
de lavar com seu purissimo san-
gue as culpas dos humanos.

Uma estrella mystica descia do
ceu, envolvendo no seu diaphano
e lucido manto a casinha em que
nasceu Jesus ; e uma virgem,
bella, morena e rosada como os
cactus purpuros do Carmello, en-
ternecida, em extasis, chorando
no intimo lastimava o filho cujo
futuro doloroso fazia-a, tão cedo
soffrer !

Piedosos, rusticos pastores, do
toda a parte, traziam ao Menino
as primicias de seus rebanhos ;
e do extremo Oriente os Magos,
de deserto em deserto, atravez de
mil perigos, guiados por um raio
da estrella de Bethlem, buscavam
a creança, para adoral-a, e a seus
pés depunham ouro, myrrha e
incenso.

Sacra tradição que nossas
mães nos infiltraram n'alma,
como o primeiro leite que nos
deu vida, bendita sejas ! Bem-
dito sejas, Natall

Anatolio Gerval.

—o—
Hoje, n'um hymno triumphal,
Cheio de sons e de luz,
Passa o ridente Natal
---Dia em que nasceu Jesus.

A.

—o—
Cumulo de valentia :
Esmurrar a cabeça... de um
prego.

S.

BOLACHINHAS

Ave. gratie plena.

Oh ! Virgem Maria !
Oh ! doce mãe de bondade,
Fonte de immensa piedade
De graça, amor e poesia ;

Tú és, o' rosa de luz,
Tú és, o' mystica rosa,
A estrella mysteriosa
Que a salvação me conduz !

Teu nome, que aos labios,
Minh'alma domina,
E' o livro dos sabios
Que aos sabios ensina.

Teu nome suave
Mais doce que a esp'rança,
Que um beijo de criança,
Que o sonho de um ave;

Teu nome resume
A grata miragem.
O beijo d'aragem
O vago perfume...

Oh ! Virgem Maria !
Oh ! doce mãe de bondade,
Fonte de immensa piedade
De graça, amor e poesia,

Tú és o branco veo
Longe, a acenar por mim
A torre de marfim
Por onde ascendo ao céu

Polycarpo Estouro.

—(o)—

Tem onze annos. E' tão
feiticeira e graciosa
que faz lembrar um botão
prestes a tornar-se em rosa.

.S.

Noite de Festa

É este o termo popular, o nome comum que o povo dá a noite de Natal, a grande noite em que, segundo diz a lenda, na velha cidade de Bethlem, na Judéa, dentro de uma mangedoura, Maria, a doce mãe dos peccadores, deu á luz um menino que veio mais tarde resgatar a humanidade inteira.

Que bôa e humilde que era Maria! Para que se cumprisse a prophécia do anjo Gabriel deixou ella a sua casa, a sua patria, para ir a Bethlem, a velha cidade de David, como uma peregrina, vagando de casa em casa, de tenda em tenda, de hospedaria em hospedaria, a procura de um lugar para fazer um berço para Jesus que devia nascer n'aquella noite.

Foi sobre as palhas de uma mangedoura que a doce hebréa foi fazer o berço de seu querido primogenito, onde horas depois foram cantando e tocando as suas flautas de barro todos os pastores de aquellas rondozas que avisados por um anjo iam render homenagem ao pequeno Jesus, que havia de ser mais tarde um Rabbi entre os judeus.

Para o povo a noite de natal é a maior noite do anno.

O povo chama a noite de natal noite de festa porque é no natal que começam todas as festas populares, todas as brincadeiras que nos legaram os nossos avós.

Com que saudade não me recordo eu hoje das festas populares que vão sendo substituidas pelos bailes aristocraticos!...

Antigamente, eram os fandan-

gos, os congos, o bumba-meu boi e as legendarias pastorinhas que, por toda par e, emchiam de luz e de alegria a noite de natal; hoje são os bailes da alta sociedade; o povo já não brinca, o povo já não se diverte.

Com que saudade eu não me recordo hoje da minha meninice, quando um mez antes eu começava a ajuntar dinheiro para na noite de festa tomar aluá, beber capilé e comprar traques afim de entreter a noite até que tocasse a missa do gallo.

Benedicta sejas tu, o' noite de festa, que tantas recordações me trazes dos tempos idos, da minha meninice tão rendilhadas de sonhos e de harmonia....

Satyro Alegrete.

MALACACHETAS

VI

Noite de Natal, Thereza;
Brincou, correu sêca e meca,
E emfim, de canção preza,
Foi dormir sua somneca.

Quando acordou—que surpresa!
Vendo ao lado uma boneca
—Rosada como uma ingleza,
—Loura como uma suêca.

Vestiu se com doido afan
E em procura de maíman
De quarto a fóra correu...

E ao vel-a disse: «Máisinha,
Olha esta bonequinha
Que Nosso Senhor me deu!»

Ceará—92.

Moacyr Jurema

Confessos

....E curvada, no extase sublime de uma posse divina, contemplando as faces côrde rosa do recém-nascido cujo corpo sereno, num adormecimento de fadiga, nem sequer respirava, Maria, a doce Virgem, esperava ansiosa e muda pelo vagido primordial daquella existencia para sellar-lhe com um beijo a entrada no mundo em sua primeira manifestação de vida.

Ella sorria. De joelhos ao lado da creança, com os olhos sobre os seus olhos, com alma na sua alma, cobrindo-a com caricia infindavel de luz e amor, a Virgem parecia interceder em preces silenciosas pela rapida perfeição daquelle fragil corpo.

A manjadoura sobre que estava o primogenito, envolvido em pannos, com o rostinho todo em purpura para cima, tinha o aspecto de um berço que a correnteza do tempo encalhou numa estalagem da cidade de David, como o berço de Moysés na margem do Nilo.

Uma aureola de luz como que veio cingir-lhe de repente a cabecinha gentil, dando-lhe ás feições precoces, a sublimidade veneranda e respeitosa de um Deus.

A noite era silenciosa e vaga. De tempo em tempo ouvia-se ao longe o canto dos

gallos, que feria o espaço adormecido. As estrellas brilhavam docemente, e a concavidade de céu limpido e calmo parecia ter se aproximado muito da terra para fazer convergir todos esses fôcos sobre a loura creança, cujos olhos estavam voltados para elle como attraindo a si tudo o que lhe pertencia e que era o universo inteiro.

Moghar Jandira

MALICIOSA...

A minha noiva, um dia,
Me perguntou, sorrindo ingenuamente,
Depois do casamento qual seria
A nossa vida, *Logo incontinenti*
Lhe respondi beijando
A sua face tremula de pejo:
Viveremos assim, rindo e gozando
O nosso amor num beijo!....

Os olhos nos espaços
Fitando e sacudindo a cabelleira
Loira como uma estriga,
Mereto-quo a minha companheira:
De beijos e de abraços
Não se enche barriga
E nem se manda todo dia á teira!....!

—Como te enganas, filha!
Um beijo muitas vezes
É como verdadeira maravilhas
Enche barriga milagrosamente
Até por muitos inezes....

E a minha noiva ria
Maliciosamente
Comô que dessas cousas não sabia.....

Tullio Guanabara

Toda a minha alma que tem
por phanal — amor e luz,
volta-se hoje p'ra Bethlem,
berço do louro Jesus.

S.

Pelo passado

Alongando o olhar entristecido pelo meu passado, recordo-me saudoso e merencório de minha rumurejante e garrida infância, do bom e inolvidável tempo em que, no dia festivo do natal, extasiava-me na contemplação das creanças morenas que me acariciavam as faces pallidas.

Eu era bem creança e pela minha imaginação infantil perpassavam, n'uma rapidez kaleidoscópica, sonhos de gloria, e nos meus momentos felizes julgava-me um heroe victorioso, saudado com pompa, nessa brilhante apothese.

Como é bella e encantadora essa ridente e alegre quadra da vida! Nosso viver tem a placidez suave de um quieto lago, em uma silenciosa e calma noite, enluarada e ténida

Tempo invejável; no entanto eu não soube aproveitá-lo: minha vida passava-se rápida e os momentos de prazer se dissipavam, se evolavam para longinquas paragens, como bando de aves garrulas, esparvidas pela tempestade....

Sentia em minhas veias o sangue ardente e rubro de quem, gosa saúde, e meu coração em festa, pulsava febricitante de alegria.

Hjje, acabrunhado, absorvido no terrível tedio, que é o mal dos que dissiparam nabbalescamente esse precioso thesouro — o tempo — vou pouco e pouco desfolhando as petalas das rosas perfumadas de minha mocidade, por

sobre o tumulto de meus passados prazeres....

Dezembro---1892.

Frivolino Catavento.

—o—
GELIDA

A...

E's de marmor; mulher? Nunca sentiste
Um casto amor immaculado e santo?
Por tuas faces deslisar não viste
Uma só vez as perolas do pranto?

Este lamento que minh'alma embala
Este viver de maguas povoado.
Que me traz sem conforto e acabrunhado:
Não commovem-te, não? Responde! falla!

Lá no rochedo rispido não medra
Uma só flôr sequer E's, por ventura.
Semelhante a uma rocha fria e dura?
Teus tu, acaso, o coração de pedra?

Aurelio Sanhassu

—o—
Cumulo de gastronomia :
Comer rosca..... de parafuso.

S

Leitores, a Padaria,
gallarda, faceira e lesta,
n'uma ridente alegria
hoje vos da "Pão" de festa.

S.

—o—
CARTEIRA

Folheando nossa carteira, encontrámos as seguintes notas :

A sociedade «Perseverança e Auxilio dos Caixeiros», de Maceio', pede-nos a remessa d'"O Pão" e alguns livros, para a sua Bibliotheca.

Quanto ao "Pão" vamos envi-

al-o aos dignos rapazes, mas livros, nada disto! Nos, os padeiros, andamos tambem empenhadamente mendigando livros para a Bibliotheca da Padaria, e os caheiros de Maccio' fazendo-nos um pedido nas condições do que nos fez, é caso de dizer se que um cego bate á porta de outro...

Com tudo transmittimos aos nossos leitores o pedido dos bem intencionados rapazes e esperamos que seja benevolamente atendido,

* * *

Participamos a todos os povos do universo e para os devidos fins que a Padaria Espiritual acha-se funccionando á rua Formosa, 106, 1. andar, donde continua a alimentar os cerebros contidos na area de sua nobilissima acção.

Tomem nota,

* * *

Pelas grades de um asylo de alienados passa um sujeito muito triste, com a vista baixa e as mãos nos bolsos.

Um doid vendo-o passar grita-lhe de dentro :

—Olá, amigo! Cuidado, veja que foi assim que eu comecei !

* * *

Começou hontem no salão principal do Partido Operario a Kermesse que o mesmo partido promoveu em beneficio de suas aulas.

E' nobre e sublime a acção do Partido Operario ; em quanto o governo trata de subcarregar de

impostos a instrucção entre nós, o partido operario, composto na sua totalidade de homiens sem instrucção, de artistas rusticos, angaria donativos para uma Kermesse, faz um leilão de objectos offerecidos por particulares e emprega todo o seu producto em favor das aulas nocturnas que o mesmo partido fundou e sustenta ha mais de um anno.

Operario, o filho do povo tambem precisa de instrucções, portanto o partido operario que lança mão de todos os meios para semear a instrucção no seio da indigeneia não pode deixar de merecer o nosso appo.o.

Imitem as mais sociedades que existem n'esta capital a idéa grandiosa do partido operario que terão sempre os nossos applausos.

* * *

O Ficarra, o sympathico artista tão querido de nossa platêa tem-nos dado boas noites de diversões no S. Luiz.

E' um gosto vê-lo trabalhar no papel de *jacaré* no *Surcouff* e no *tio Gaspar* nos *Signos de Corne ville*.

E' pena que a companhia esteja tão desfalcada e que os mais artistas, á excepção do Raimundo e Gil, não se esforcem para imitar o Ficarra que tão bem se compenetra de seus papeis.

Contudo continue o Ficarra a levar sempre á scena operetas como *Surcouff*, *Signos de Corne ville*, *Boccaccio*, *Niniche* e *Mascotte* e o 3.º acto do *Ernani* que terá sempre boas enchentes.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Directores -- Antonio Salles.

Gerente -- Sabino Baptista.

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Janeiro de 1895

NUM. 7

EXPEDIENTE

Assignatura por um trimestre 2\$000
Numero avulso 500
Pagamento adiantado.

O PÃO publicar-se-á duas vezes por mes.

Pedimos aos collegas da imprensa o obsequio de declararem a origem das peças que transcreverem desta folha.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso Gerente, á rua do Major Facundo n. 4.

SUMARIO. — Voltando. A Redacção ; — Pardal Mallet, Waltermiro Cavalcanti ; — Ruínas. Manoel Araújo ; — A morte da avó, Arthur Theophilo ; — Per Musica. Bruno Jacy ; — A nerose de Claudio, Cahral de Alencar ; — Chronos. X. de Castro ; — Poetas contemporaneos, José Carlos Junior ; — Medallas, Moscyr ; — Bibliographia ; — Emfim, Sabino Baptista, — O cholera morbus. Anatolio Gerval ; — Chorai, Lopes Filho ; — Uma reliquia, Pa dal Mallet ; — Carteira

NOTAS

Depois de uma ausencia que muitos talvez já considerassem eterna, volta agora O Pão ás pugnas da intelligencia, e volta, como vêem, mais crescido, mais circumspecto e mais forte.

A noticia de seu regresso despertou um movimento de sympathia no publico cearense, ao qual não temos palavras bastantes para agradecer a boa vontade com que nos proporcioneu os meios precisos para que tivesse a nossa modesta mas operosa associação um vehiculo das suas produções, um registro dos seus esforços em prol do adiantamento litterario de nossa terra.

Robustecida pela acquisição de novos obreiros, estimulada pelos applaudos que tem conquistado em todo o Paiz, espera a Padaria Espiritual proseguir honradamente na sua missão, juntando novos triumphos

aos que já assignalam a sua trajetoria.

Deevaneemo nos em afirmar que a salada indifferença publica não se tem feito sentir a nosso respeito, e para os noosos concidadãos só temos muito e muito reconhecimento.

Reapparecendo no primeiro dia de um anno em que toda a nossa querida Patria funda tão gratas esperanças, O Pão faz votos para que aos brasileiros em geral e em particular aos seus leitores seja o 1895 o mais propicio e venturoso.

Certos de que outro tanto nos desejam, promettemos nada poupar para que o Ceará figure na vanguarda do movimento litterario que presentemente se desenrola no Paiz de par com os generosos esforços para a nossa regeneração politica.

PARDAL MALLET

O Pão de hoje é amassado com os alfofres de sincero pranto, vertido sobre a campá de um valente confrade que a morte arrebatou em todo vigor da mocidade.

Pardal Mallet, cujo brilhante talento illuminava com doiradas fulgurações a imprensa brasileira e cujo espirito integro, inquebrantavel tinha o brilho das armas polidas em combates ao sol, naufragou em meio á tormenta da vida, e seu corpo foi dar inesperadamente, desoladoramente a uma dessas restingas do oceano da Morte.

O echo repercutiu por todos os angulos do Paiz, transmittido pela linguagem fria do telegrapho, e onde quer que chegasse, os adoradores da Arte, os cultores das letras, os espiritos irmãos do seu, as almas que se alimentam do Ideal, curvaram-se submissas ao decreto do Além, mas não deixaram de render homenagem ao forte espirito do irmão que se alava em busca de ignotos mundos.

José Carlos Pardal de Medeiros Mallet não era uma vulgaridade consagrada ; sua individualidade sobrepujou a quasi todas as gerações em actividade, audacia, talento e originalidade.

Conhecemos-o ainda academico do quinto anno na Faculdade do Recife

Declarando guerra de morte á rotina e aos preconceitos da epocha, conseguiu levantar o meio litterario da Academia e impor-se á consideação de seus collegas e á furia dos lentos urros.

Formado em 1886, foi desenvolver as suas elevadas funcções intellectuaes em meio mais amplo, e qual foi o seu estadio na capital da Republica, podem dizer, melhor que nós, os seus escriptos na imprensa da grande cidade.

Advogado e jornalista, mais jornalista do que advogado, Pardal Mallet fixou sua residencia na capital da grande Republica e sempre teve um ponto de vista novo, original, por onde encarar qualquer assumpto batido na clava da imprensa diaria. Polemista, o foi com masculino talento, e sua resposta a Ramalho Ortigão, que se occupou de coisas do Brazil com alveios, quando outros trabalhos seus não lhe valessem, era bastante para distinguil-o entre os nossos homens que têm tido nervos e coragem para vergastar estrangeiros que nos insultam.

Republicano da propaganda, sincero e desinte esadado, apaixonado pelo generoso ideal de uma patria livre, elle fora politico de principios e um grande inimigo do positivismo armado que ainda hoje manda quebrar typographias e prender jornalistas no Recife.

Opposicionista do governo do marechal Floriano, foi alcançado pelas medidas de 10 de Abril e de passagem por aqui, na volta do exilio, visitou o foino da Padaria, louvando o espirito de solidariedade que alentava o meio litterario de nossa terra, accitando depois o titulo de Padeiro correspondente no Rio.

Cerebração bem formada e possente, capaz de concepções as mais elevadas, o vendaval da morte arrebatou o ás letras patrias justamente no momento em que as suas produções começavam a ter o cunho de madureza que a reflexão imprimia aos trabalhos daquelles que transpondo a phase do enthusiasmo ardente dos vinte annos, chegam a efflorescente colheita dos que lançam semente escolhida em terra ubertosa.

Dia a dia o espirito de Pardal Mallet se refazia nas lutas, assimilando elementos de avigoreção, alargando a esphera dos conhecimentos que se não dispersam aos homens de hoje, cujas labutações

mentaes são uma exhaustação de forças physicas. Mallet era um forte na accepção extensa do vocabulo; mas a morte não respeita estas fortalezas, e para ellas tem torpedos de epidemias que assolam e canhões armados de molestias que devastam e cortam o itinerarioda fragil humanidade nas passagens da vida. Da sua esbelta figura de gaúcho ella apagará as formas mas não conseguirá, atravez dos tempos, obscurecer os contornos de seu espirito activo e inteiriço de que que a tradição conservará o exemplo para vergonha dos pusilanimes de hoje e ensinamento dos fracosdo futuro.

Na rebeldia indomavel do character de Mallet, que passou para muitos como incomprehendido, havia, como no fundo de tormentoso oceano, onde dormem bancos de coral, rubis e perolas,—delicadezas de artista. Oceanos de poeta, fineza de sentimentos de uma affectividade docemente calma e sadia.

A Padaria lamentando a perda do confrade, sente na arena o claro do Jutador que tombou com o arruido dos grandes lenhos que a rajada despenha em suas furias tenebrosas em meio ás florestas, mas, como caudal protectora, faz elevar o nível de suas aguas, para que os restos do confrade illustre não encaibem no olvido, e crescendo até chegar ao mar da admiração nacional recebe a confluencia de todos que, como os Padeiros Espirituaes do Ceará, viam em Pardal Mallet de jornalista de fina tempera, um artista da Prosa e um talento enormemente promissor.

E, rendendo essa homenagem que lhe inspira a Justiça, a Padaria guarda no escriptorio de suas dores a lembrança da inolvidavel perda e preservará de maculas, eternamente, a memoria querida do irmão que se foi, deixando a liça ainda alvorçada pelo ultimo combate.

Ceará, 24—XII—1894.

WALDEMIRO CAVALCANTI.

(Ivan d'Azhof).

Ruínas

(INEDITO)

No alvo teclado do piano quando
Celere, arrancaes profusão de notas
Tudo ó meu ser ás regiões ignotas
Sohe em vagas de luz, esvoaçando.

E das saudades o longinquo bando
Surgindo além das solidões remotas...
Como no oceano o bando das givotas,
— Vem as tremulas azas agitando.

E então eu vejo pasmto, na sombria
Estrada onde eu segui, que ruínia
Por toda a parte, em todo esse passado!

Como que em tudo evaporou se a vida!
E sinto aos pés minh'alma bipartida
Dentro do peito, o coração rasgado.

Recife

MANOEL ARÃO

A MORTE DA AVO'

I

Ficara-lhe, desde creança, aquella lembrança acompanhando-o sempre, nitida, perfeita, real, numa insistencia cruel e fatigante, como si a objectiva de um aparelho photographico estivesse a todas as horas reproduzindo-a diante dos seus olhos, implacavelmente.

Naquelle noite, no Passeio, á luz forte dos lampeões, no meio de um redemoinho entontecedor de povo, de musicas e de fallas, veio perseguil-o aquella lembrança, que elle chamava «a sua mania»,—a morte da avó.

Começava vendo, como atravez da diaphancidade vaporosa de um sonho, a sua meninice toda:—via a larangeira florida do quintal com o seu confortador cheiro especial que encnia o pulmão todo de uma benéfica saturação; os foccos brancos de neve accumulados na serra como turbantes de linho; o cercado de roseiras da irmã mais velha; o velho alambique de cobre; o engenho de pão e os montões de bagaço de canna alinhados por baixo das arvores nas temporadas de moagem.

Depois vinha a lembrança da avó sinha,—da «dindinha»,— como elle chamava, a sua sympathica face vermelha, e os cabellos brancos como uma das pastas de algodão que ella batia pela manhãsinha, e tendendo-as num velho coiro de ovelha, macio.

E lembrava-se saudosamente de de quando a velhinha ia, todas as tardes, na melancolia enervante do crepusculo, lavar-lhe os pés mais os das irmãsinhas emquanto a mamã ia repartindo em cinco pratos a fartaceia que os esperava.

Até lembrava-se da cor dos pratos — brancos com fitas de tinta azul na beira.

E, emquanto os mais velhinhos comiam, a dindinha soprava entre os dedos rugosos o arroz para dal-o ao Toinho; o pequerrucho que ella segurava na perna.

II

Depois,—lembrava-se bem,—viéra a doença. Um dia a dindinha não batera pela manhãsinha o algodão, e á tarde não foi lavar lhe os pés mais os das irmãsinhas.

Nessa noite, tinha sido a mãe quem lhe ensinara o Padre-nosso e a Ave Maria, segurando lhe ás mãos sobre o peito e fazendo-o perseguar-se no fim da oração contrictivamente.

A doença progredira.

No fim da semana, entrou pela alcova adentro um homem feio, com o fato todo sovado, longas barbas brancas encardidas de tabaco, voz atroante e com uma longa cabeleira sem lustre mettida num chapéo de palha de abas grandes.

—Veio ajudar a morrer, asseverou uma creada velha, vendo-o entrar.

E de repente, emquanto o sol glo-

rioso atufava-se no occaso num horizonte colorido de sangue, o homem começou, numa plangencia cançada e arrepiante, debruçando-se sobre a rede onde apparecia a cabeça branca da velhinha num montão de lenções:

—Jesus, Maria, José... a minh'alma vossa é...

Jesus seja commigo...

Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é...

Uma vóla branca ardia melancolicamente sobre o peito da moribunda, elevando verticalmente a chama numa doce quietação de paz e dando uns tons lividos a um Christe de chumbo, sereno e compassivo, que obrigavam ajdindinha a segurar nas mãos.

—Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é, insistia o ajudante.

E a velhinha,—o olhar estonteado passeando pela sala, dizia, na inconsciencia da febre e da demencia, numa suave plangencia mystica, pippillando quasi:

—Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

—Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

—Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é, repetia o homem das barbas sujas.

Numa mesa de cedro ardia um cyrio tristemente.

Mulheres e homens recolhidamente resavam baixinho ajoelhados, emquanto a velhinha repetia sempre, com a voz cada vez mais fraca:

—Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

Depois morreu.

III

O moço ergueu-se do banco verde da avenida e entrou num café, bato nervosamente numa mesa de marmore com o castão de prata da bengala.

—Cerveja! gritou.

E aos goles, demoradamente, bebeu uma garrafa toda, mais outra, emquanto no cerebro atrapalhavam-se desordenadamente as idéas e entrava-lhe pelo ouvido como uma musica longinqua a impertinente melopéa nostalgica:

—Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

Ceará — 1894.

ARTHUR THEOPHILO.

(Lopo de Mendosa).

PER MUSICA

No meio do estrápito
E estrondos que atroam
De ardores que em furias
Contendem, rebóam,

Eu penso nas cousas suaves e tenues,
Nas cousas que fogem, que nadam, que voam.

Emquanto sem animo
Os corpos estuam,
E as almas em ancias
Em vão se extenuam,

Eu penso nas cousas que amamos em extasi
Em cousas que passam, deslisam, fluctuam

E quando, entre maguas,
Despeitos e dores,
Refervem os odios
E frios rancores.

Eu penso nas cousas de um mundo chimé-
rico.
Um mundo de aifagos, carícias, amores

Carã—1894

BRUNO JAGY.

A nevrose de Claudio

(NOTAS PSYCOLOGICAS)

Seu riso, riso galvanizado numa expressão voltaireana, d'uma dolencia quente e desoladora de aragem tropical, nervótico, scintillante como um brandir de punhal, desenhado sobre a cor de seus labios coleras e sarcasmos, evolvendo-se subtilmente como uma quintessencia de tormento, traduzia ironicamente a luta do seu ser contra a natureza e contra a humanidade, d'ixava entrever a sua sombria existencia, illuminada pela aurora boreal de um amor que ia melodosamente morrendo como um canto de cysne.

Novos amores nasciam e outros que emigraram, que se tinham ido, voltavam ao seu coração, em busca do recolhimento de outr'ora.

Ab! seus amores... Seus amores tinham o ascetico ideal dos monges medievacs; repellidos pelo Impossivel e pela duvida da ventura sonhada, esfarrapados de illusões, livido como peregrinos exhaustos, viviam encerrados numa resignação claustral, entregues a mysticas adorações, torturados por um anejo infinito de aniquilamento buddhico.

O sentimentalismo encucnavalhe a alma, impregnando a de voluptuosidades platonicas, de preguiças chinezas, de vaporosos e azues idealismos românticos, fazendo a sonhar, luxuosamente sonhar.

Soffrendo a nevrose do amor, o descontentamento hereje dos que aspiram e não creem, a impaciencia tragica dos que vivem na allucinação da febre de um ideal insatisfeito, sentindo a necessidade implacavel de immortalisar, de glorificar as suas sensações no marmore de uns seios de mulher amada, elle ouvia todos os dias dentro de seu ser, o murmurio de seus nervos, blasphemando contra o paganismo de sua carne ignorante, o sussurro inquietante de seus desejos, hystericamente enraivecidos, conspirando contra as decepções que os estrangulavam.

A sua animalidade de homem permanecia enjaulada, numa submissão revoltada, apesar de todos os protestos da natureza.

Elle só sentia caricias affectivas quando sua contemplação reclinava-se no velludo do olhar amado; então ficava no extasi de quem se visse transportado a um céu; mas quando sua contemplação cahia desamparada e desfeita, toda sua alegria estilhaçava-se, e aquelle seu riso ironico de tormento e de duvida, despontava rutilo em seus labios, annunciando o despertar de todas suas magoas.

Scismando, para desertar da reali-

dade, elle muitas vezes sonhava paixões exóticas em paragens longinquoas, onde a sua phantasia viajava, installando-se em camaras de duqueza, em aposentos luxuosos de mulheres lascivas, bellas e ardentes, dessas que nos tiram a vida n'um extasi e restituem-na n'um beijo.

Via-se nos braços de uma oriental, sobre coxins de seda, num recanto rescedente de perfumes esquisitos de beliotropos e de luar...

Por um capricho de imaginação, transportava-se tambem ás frias regiões das neves e dos lagos, de lares pallidos, indecisos, de dias tristes e nevocentos, dias de uma claridade languida de crepusculo meridional, e na sua mente se destacavam paisagens scandinavas, idyllias scenas de amor, com mulheres de olhos glaucos, louras, brancas e scismadoras, louras de um louro cor do sol da Suecia, branca d'uma brancura de miragem polar.

Quando, porém, se despedia dessas venturas phantasiadas, quando abandonava esses fugitivos sonhos e regressava á realidade, a chicotada cauterisante da vida, das cousas açoutava-o brutalmente, dando-lhe a sensação dolorosa de uma queda sobre um montão de ruínas.

Nem um sorriso amigo o vinha consolar, nessas tremendas quedas... Incomprehendido, elle vivia fora da vida universal, isolado no meio das turbas, torturado e mystificado em luta contra a natureza e contra a humanidade; as caricias das cousas exteriores não eram para elle mais do que hostilidades mascaradas e carinhos trahidores, punhaladas atiradas entre festões de rosas. Repellia as todas, menos o olhar da mulher amada; apesar de julgal-o uma luminosa mentira...

CABRAL DE ALENCAR.
(Do «Mas...»)

CHROMOS

I
DISTRAHIDA

Nuna esteirinha sentada
Branca, a velha, no terreiro,
Rufa um chorado facciro
Nos bilros d'alva almofada.

Não falta mais quasi nada
P'ra levantar, todo inteiro
O papelão que é o primeiro
D'uma renda encomendada.

—Leva os óc'los á cabeça;
E como d'elles se esqueça
Diz:—Meu Deus! Inda mais esta!

Perdi meus oc'los!—Chiquinha,
Procura os aqui...—Dindinha,
Seus óc'los estão na téta!...

II

NA CASA DE CAMPO

Ha um pombal ou poleiro
Bem pouco slem da cosinha;
Diva—a morena, e Julinha,
—L'ouira de olhar feiticcero.—

Quando d'aurora o primeiro
Raio dellas se avisinha
—Sae uma da camarinha...
Já a outra está no terreiro...

Laura, comsigo, baixinho.
Falla, beijando um pombinho
De plumagem meço nú...

Diva—a mimosa tapuya—
Balança o milho na cuia.
Gritando:—Pombú! Pombú!

III

NA CHUVA...

—Vem voltando do mercado,
Range os dentes... franze a cára...
Tras n'uma pequena vára
Um peixinho pendurado.

Vem vermelho... vem... queimado...
De dois em dois passos pára...
E ás gargalhadas dispára,
Dansando á força um chorado!...

Sae-lhe da calça a camisa
Cae-lhe o chapéo, elle o pisa,
Forceja, em vão, p'ra o pegar;...

E diz:—Que diabo me empurra?!
Não ha vento... Omar não urra...
Porque estou eu a dansar?!...

X. DE CASTRO.

(Bento Pesqueiro).

Postas contemporaneas

CAMPOAMOR.

Ao historiar a evolução das litteraturas, poderão os vindouros, estudando attentamente o movimento litterario do seculo XIX, chamar á primeira metade delle a epoca dos enthusiasmos e a ultima a do desanimo, tão oppostas são effectivamente as tendencias, que nestes ultimos tempos se accentuam, ás que até o fim da setima década predominavam em todos os paizes civilisados.

As aspirações democraticas, as lutas pela independencia, as reacções contra a invasão estrangeira, que produzi a tamanha messe de obras litterarias na Allemanha, na Italia, na Hespanha, em Portugal, na America, prolongaram sua influencia e seu alento até a era pouco acima assignalada.

Hoje, porem, que o enthusiasmo pelas conquistas do liberalismo e da sciencia vão se arrefecendo consideravelmente ante o espectáculo das miserias humanas, que se perpetuam e se multiplicam a despeito de todas essas conquistas, o sopro do pessimismo tem invadido todas as litteraturas e ao passo que vão desapparecendo os vates das gerações passadas, vão se lhe substituindo na predilecção do publico aquelles que mais se coadunam com as tendencias da epoca.

E' assim que, morto Zorrilla, occupa incóntestavelmente Campoamor

o primeiro lugar entre os poetas vivos na Hespanha

I

Don Ramon de Campoamor nasceu na cidade de Navia (Asturias) a 21 de Setembro de 1817.

Quando, entre os 25 e os 30 annos, publicou os seus primeiros volumes de poesias (*Ternezas y Flores*, *Ayes del alma*) já elle tinha feito estudo acurado e seguro dos mestres da poesia hespanhola, e, dotado dessa rara aptidão para comparar, discernir e julgar com rapidez e segurança, que é o grande privilegio dos homens verdadeiramente superiores, tinha já as suas opiniões formadas e uma boa orientação para os seus trabalhos litterarios.

Elle, pois, um dos raros talentos que desde os primeiros ensaios obedeceram a uma impulsão consciente, bem encamihada e segura.

Embora naquelles dous primeiros volumes a mocidade não lhe permitisse ainda seguir com toda a firmeza o caminho que parecia já ter escolhido, contudo nessas pequenas peças meio lyricas, meio philosophicas se revelava uma incontestavel originalidade.

Segundo essas idéas, tão cedo adoptadas e que mais tarde elle formulou em preceito, toda obra poetica deve ser a expressão de uma idéa moral, deve «tornar perceptivel uma ordem de idéas abstractas por por meio de symbolos tangíveis.»

Por isso elle compoz e publicou as suas *Fabulas*, onde já se manifesta francamente o pessimismo que não desaparecerá mais das suas obras.

Nas *Fabulas* todas as faces da vida social successivamente são alvo dos seus dardos, cuja mordacidade mal dissimula a triste desillusão que os inspira.

Elle comprehendia, porem, que esse género já não quadrava ao publico moderno. Effectivamente a *Fábula* tal como a concebiam os antigos, partindo do inverosimil, não pode impressionar tão vivamente quanto desejava o poeta. Certificando-se disto, Campoamor inventou a *Dolora*.

O motivo, a intenção desta originalissima denominação, assim como os caracteres das composições poeticas a que ella se applicava foram um problema que por algum tempo intrigou o mundo litterario hespanhol.

A palavra *Dolora* não existia no vocabulario castelhano; é impossivel, porem, separar della a idéa de —dor— que a sua radical facilmente evoca. De que dores porem se tratava?

Nas pequenas poesias assim denominadas, que desde 1842 o poeta disseminava pelos jornaes e revistas, ou em pequenos volumes, não transpareciam suas magoas pesosas.

Nem sequer dominava nellas a nota lugubre ou elegiaca; antes pelo contrario, a maioria é impregnada de uma fina malicia jovial; embora repassada algumas vezes de certa

melancolia. Sò dous traços são communs a todas ellas—a concisão da forma e a transcendencia da idéa. A parte isto, se encontra nellas a maior variedade.

Aqui são verdadeiras discussões philosophicas, dialogos (forma a que parece singularmente affeição) e é forçoso convir, em que pese á reputação do grande poeta como philosopho, que muitas vezes a mesma questão tem soluções diversas em duas *doloras* diferentes: allí transborda cruel misanthropia, como quando afirma que «toda felicidade é fonte de uma miseria e a vida si não é detestavel, é porque é desprezível.» (*Dolora 77*) ou que «a ternura não passa de uma sombra e o contentamento é como o vento» (*Dolora 11*). Em uma o poeta que «em cousas de amor tudo conhece» annuncia que foi vencido pela belleza e vai... casar... N'outra aconselha a uma creança que «seja voluvel e como tudo o que é bello e precioso e não tome a serio o amor.»

Em summa, dizer o assumpto das *Doloras* seria citar as todas. Seja porem qual for a idéa que ellas encerrrem, impiedade, scepticismo, misanthropia, descrença, desanimo, resignação, simples humor, todas ellas são verdadeiros primores de concisão e sentimento.

D. Antonio Furtado diz que «a *dolora* exprime o sentimento de um homem que, depois de ter adquirido grande experiencia, de ter gosado, soffrido, vivido em summa, quer mostrar aos outros o caminho que percorreu». Don Manoel de la Revilla diz: «A *dolora* é uma composição lyrica que em um tom ao mesmo tempo ligeiro e triste exprime uma idéa transcendente.»

Todo o mundo conhece e tem sido traduzida em todas as linguas a deliciosa *dolora* que tem por titulo «Quien supiera escribir!» Uma rapariga alphanhabetta vai pedir ao cura que lhe escreva uma carta ao namorado e como apesar de toda a sua experiencia e agudeza, o velho padre não consegue exprimir o seu affecto com todo o ardor e vehemencia, que ella desejara, exclama a cada linha.

« Si eu soubesse escrever!... »

« Concisão e importancia philosophica » eis o que parece ser na opinião do proprio Campoamor o caracter das composições a que se applica o seu felicisneologismo. Toda a extensa lista das imperfeições e contradições da alma humana e da sociedade pode, pois, fornecer assumpto ás *doloras*.

Como se vê, só o nome é novo, pois antes de Campoamor já havia muitas composições com estes requisitos e a litteratura hespanhola é particularmente rica neste genero.

Mas o que ninguem tinha conseguido antes delle era a extraordinaria concisão que se nota nas suas poesias.

Essa concisão, que é um dos principaes traços caracteristicos do

poeta que nos occupa, não é exclusiva ás *doloras*; ella se nota em toda a sua obra ate mesmo nos seus poemas de maior extensão.

«El licenciado Torralba» tem condensada em menos de 2000 versos materia que um outro não abrangeria talvez como o dobro.

Por aqui se vê logo quanto estamos longe das escolas parnasianas de diversos matizes, e o proprio Campoamor não dissimula a repugnancia que lhe inspiram essas escolas. Elle não perde ensejo de repetir que não comprehende poesia cujo merito principal consista na forma.

Sem que se note em suas obras incorrecção alguma, vê-se todavia muito bem que esse caprichoso esmero na dicção, na metrificacão que era o principal cuidado dos poetas contemporaneos, não o preocupava muito.

Não tem ricas adjectivações; sua phrase é simples e precisa.

Mozart, no ensaio geral do seu Don Juan, observando-lhe o imperador José II que parecia haver naquella opera notas de mais, respondeu:

— Nem uma que não seja necessaria, senhor!

Cousa semelhante poderia Campoamor dizer das suas poesias.

Em algumas das «*doloras*» a concisão é mesmo levada ao extremo. Essas, aliás, não são as melhores. Ao contrario do maior numero dos seus admiradores, não posso votar uma admiração sem reserva áquella que tem por titulo «A opinião» (36)

A minha pobre Maria,
Jamais a hei de olvidar
Eis o que o mundo dizia
Ao ver o esquife passar.

O padre: Começe o canto!
O doutor: Findou o soffrer!
O pai: Suffoca-me o pranto!
A mãe: Deixai-me morrer!

Um rapaz: Tão enfeitada!...
Um mancebo: Era tão bella!...
Uma joven: Malfadada!
Uma velha: Feliz della!

Os bons: Dorme em paz ao menos!
Os outros dizem: Adeus!
O philosopho: Um de menos!
O poeta: Um anjo aos céos!

A concisão aqui degenera em estylo de telegramma prejudicando o valor litterario da peça. Encontro na collecção muitas dezenas preferíveis a esta. Na impossibilidade de transcrever-as todas aqui, limitome a esta que a semelhança das duas linguas permite traduzir quasi litteralmente:

Maldizendo minha dor
Exclamei com voz sentida:
Fazei que o tempo, Senhor,
Venha tirar-me este amor
Que me vai tirando a vida!

Escutando a minha prece,
Deus diz ao tempo que apresse
Sua carreira sem fim.

E elle voando obedece
E diz-me: «Acabam-se emfim

"Tous malca". Mas quando veio
Para me arrancar do seio
A bella imagem que adoro,
Tanto me puz a chorar
Que de lembrar me inda choro.

Soffrendo extranho cuidado,
Lamentei meu duro fade,
E verifiquei então
Que se haviam misturado
As penas e o coração.

E, folto com a sua dor,
Diz min'h'alma arrependida:
"Dixei ao tempo, Senhor,
Que não me tire este amor,
Pois é mo tirar a vida!"

Ceará—XII—1894.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

(Bruno Jacy).

Medalhas

1

MACHADO DE ASSIS

Da mão de mestre sahem-lhe aos punha-
As joias mais custosas e mais finas,
Quer traçando periodos irizados,
Quer cinzelando estrophes peregrinas.

Penetra nos reconditos vedados
Do coração joguete de ferinas
Paixões, e encontra *vermes scelerados*
Que o reduzem a lobregas ruinas

Narra, da vida palpitanes scenas,
Dardeja as leves setas da ironia,
Tange do amor a mystica theorba...

Segue o vôo irrequieto das *Phalenas*,
Pinta os amores de *Yaid Garcia*,
Cria o typo immortal do *Quincas Borba*

II

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA

Gosta de rir, e a rir vai profligando
Os grotescos ridiculos da vida
Em metrica linguagem bem medida
De riquissimas rimas a tillantando.

Debalde os annos vão-se accumulando
Sobre a sua cabeça encanecida:
—Si por fora está branca se tornando,
Por dentro está mais fresca e mais garrida.

A farpilha da satyra cortex
Crava indistincta em famulos e reis,
Sem que por isso alguém odio lhe tome.

E apesar de vender chista e saúde,
Acaba de chamar—*Decrepitude*
A um livro que de tal só tem o nome:

III

ALUIZIO AZEVEDO

Victoriosos sahio do pagilato
Que suscitou com o velho romantismo,
E entrou na arena do naturalismo
Sobranceando o volume do *Mulato*

Artista fino, forte, intemerato,
Da alma humana sondou o fundo abyssmo,

E o *Coruja*, em seu libro nevrozismo,
Da aguda pena lhe sahio de um jacto.

Fugindo o agudo das frotulidades,
Que a tantas juvenis mentalidades
Têm roubados a opulencia, a força o vigor;

Trabalhos fez que os "tempos não consom-
fazendo a *Casa de Pensão O Homem*
E as paginas intensas d'O *Cortijo*.

Ceará—96.

Moacyr

BIBLIOGRAPHIA

Revista da Faculdade livre de direito do Estado de Minas Geraes. Anno I, numero I. Ouro Preto, 1894.

Acaba de ser a *Padaria Espiritual* obsequiada com a remessa de primeiro numero desta Revista, que dá uma alta idéa da instituição de que é orgão.

Constituem a commissão de redacção os Drs. João Pinheiro da Silva, Sabino Barroso Junior e Augusto de Lima e alem destes nomes, que por ai já significam bastante, ainda se vêem firmando artigos nesta Revista outros, que não menos a honram.

Destaca-se dentre esses artigos, já pelo desenvolvimento, já pela erudição e labor que revela, o do nosso querido Raymundo Corrêa sobre «Antiguidades Romanas», paciente e consciencioso estudo dos elementos ethnicos e politicos constitutivos da primitiva sociedade romana e suas mais antigas distincções civis, o qual p-de muito bem ser o primeiro capitulo de um livro precioso, escripto no estylo elegante e fluente de quem está habituado a alinhar mavisosa endecasyllabos.

Apresenta ao publico a nova Revista o Dr. Afonso Penna, com breves e frisantes palavras, em que salienta a missão e a influencia do jurista e a importancia dos estudos juridicos em todas as epochas, mais em a nossa, ante a «questão gravissimas que interessam a organização do trabalho», a constituição da propriedade, as condições de produção e distribuição da riqueza.»

Augusto de Lima expõe em bem elaborado artigo a noção do Direito e da Moral, em face das doutrinas de Spencer e de Schaeffle, considerando a luta de elementos heterogeneos no seio do organismo social como condição primaria e indispensavel para o nascimento e a conservação das relações ethicas e juridicas.

Bernardino de Lima publica um paciente estudo da legislação patria relativa a minas e mineração, mostrando e lamentando a anomalia de

ser tão pouco cultivado esse ramo da legislação em um paiz tão opulento em riquezas mineiras.

Apenas lembramos ao Dr. Bernardino de Lima, que no Ceará, depois da Republica, já se legislou sobre este assumpto na lei numero 82 de 7 de Novembro de 89 regulamentada em 24 de Novembro do mesmo anno, não sendo, portanto, Minas Geraes o unico Estado que negligou do assumpto.»

Sabino Barroso Junior, estudando em treços largos a evolução da «Liberdade», com as suas oscillações inevitaveis, chama para o campo das sciencias experimentaes os estudos de direito e de politica, e conclue com algumas palavras juras sobre os «pretensos homens de Estado» que «sem preparo scientifico», substituem a vacuidade do seu espirito pelo prestigio official dando logar à «colligação do charlatanismo contra a sciencia», e a oppressão da liberdade.»

Sob a epigraphe—«A Jurisprudencia na organização do direito civil e patrio», V. M. de Mello Franco faz judiciosas considerações sobre a difficuldade de consolidar o nosso corpo de direito e a heterogeneidade dos elementos que tem de ser nisso aproveitados.

O D. F. Catão põe em relevo a importancia da «hygiene nas sciencias sociais» e reclama a criação de institutos bacteriologicos nas faculdades juridico-sociaes.

Completa o fasciculo a primeira parte do «Esboço de codigo do processo criminal para o Estado de Minas», organizado por Levindo Ferreira Lopes.

Por estes artigos facilmente se vê que a Faculdade de Direito de Minas conta no seu corpo docente professores de incontestavel saber, que hão de proporcionar aos alumnos ensino de se familiarisarem com a moderna idéa do direito, sciencia inteiramente renovada senão renascida nestes ultimos tempos; e é grato lembrar que a brilhante escola juridica de Ouro Preto é filha unicamente da iniciativa particular, que felizmente como diz o illustre Dr. Afonso Penna já se vai exercendo no Brazil fora do campo dos interesses materiaes e concorre para a fundação de institutos destinados ao ensino, ao preparo intellectual e moral das novas gerações.

Parabens aos mineiros!

EMFIM

Rasgon-se emfim o vôo da tenebrosa e longa ausencia prolongada, escura, —e eu de novo te vi, formosa e pura, —e tu de novo viste-me, formosa.

Como me olhaste... Como a radiosa luz dos teus olhos plenos de doçura

n'alma accendeu-me a chamma da ternura: como eu te olhei ó flor tão melindrosa!

O teu perfil franzino e seductor lembrava o alvo busto encantador de alguma deusa, um busto sacrosanto...

Sorriste ao ver-me e no teu casto riso de par em par abriu-se o paraíso que eu tanto busco e que me foge tanto

1894.

SABINO BAPTISTA.

(Satyro Alegrete).

O Cholera Morbus

Mãe Natureza, como és ingrata as vezes!

E, Cizer-se que a Inda, berço, pátria mysteriosa de todas as religiões; formosissimo recanto do Planeta, em cujo seio, ha filões de ouro grandes como rios, e rios que rolam em suas aguas claras seixos refulgentes de diamantes; e mattas de alões, de ebano e sandalo, á cujas sombras, sob os calores estivaes, os tigres miam voluptuosamente; essa terra magestosa e sem par, onde as mulheres de olhos languidos amam até o sacrificio, até a morte; essa terra em que a tradição Oriental colloca o berço dos primeiros seres, o paraíso terrestre: que pungente ironia do destino! é o berço tambem do Cholera Morbus.

E, esse conquistador, perverso como Attila, mais assassino que Tamerlão, que surprehende as creancinhas no seio materno, e apunhala os noivos em vespuras das bodas; que fulmina os velhinhos, muitas vezes a rezar o rosario de suas orações, ou desfiando o rosario da Saudade; esse Pan do mal, que vòo rapido como as andorinhas, e faz a volta do mundo, ceifando vidas e espalhando lucto: esse assassino já bate quasi ás nossas portas, na sua monstruosa tarefa de extermínio — e, onde quer que pisse, vai ferindo promiscuamente, inexoravelmente, a creança que ri, e os velhos que seismam, e os noivos que se amam aos beijos...

Mãe Natureza, como és ingrata as vezes!

Ceará, — 94.

ANATOLIO GERVAL.

CHORAI!

(A MEMORIA DE PARDAL MALLET)

Moços! chorai a lagrima dorida,
Que a gente verte numa magua ruda,
Quando vemos tombar, cahir, sem vida,
O corpo d'um heroe num ataúde!

E elle morreu nessa epocha florida
—Doce alvorar de alegre juventude—
Quando sentia n'alma enfebrecida
O amor cantar no mystico alaúde!

Chorai! podeis chorar piedosamente
O intemperato, o paladino ardente,
A gloria e o orgulho d'uma geração!..

Morreu nutrido uma esperanza iriada
Pois tinha cheio todo o coração
Da imagem pura d'uma noiva amada!

LOPES FILHO.

Ceará — 94.

UMA RELIQUIA

Quando Pardal Mallet, o valente escriptor que tão prematuramente acaba de tombar na voragem do tumulo, por aqui passou, de volta do seu exilio no norte do Brazil, a Padaria Espiritual convidou-o a comparecer na sala das suas sessões, ao que elle accedeu com a gentileza peculiar ao seu caracter cavalheiresco.

Muitas demonstrações de sympathia lhe foram então prodigalizadas, demonstrações a que correspondeu externando generosos correitos sobre a nossa terra.

Ao retirar-se, deixou Pardal Mallet em nosso *Livro de Ouro* as linhas que em seguida reproduzimos e que constituem para nós uma reliquia inestimavel, sobretudo agora que a sua grande alma se evolou do euvolucro que parecia invulnerável ás garras da morte.

Confrange-se-nos o coração ao refermos as phrases cahidas da vigorosa penna de Mallet.

Eil-as:

Crescido na solidariedade de um grupo que conta em seu seio Paula Ney, Arthur e Aluizio Azevedo, Olavo Bilac,

Luiz Murat, Coelho Netto e outros, crescido n'um grupo que fez da amizade a sua melhor força, eu sinto uma verdadeira alegria em vêr na «Padaria Espiritual» a mesma idéa de uniao arregimentando a moderna phalange cearense.

E' nesta solidariedade que está o segredo das futuras e garantidas victorias que a todos hão de definitivamente consagrar no mundo artistico brasileiro.

Nunca a esqueçam, pois.

Ceará—9—9—92.

PARDAL MALLET.

CARTEIRA

Temos á vista um telegramma d'«A Republica» dando como um pouco melhorado o illustre escriptor Ega de Queiroz, que telegramma anterior dava como agonizante.

E' dolorosissima a anciedade em que estamos sobre o estado de saúde do immortal autor d'«O crime do padre Amaro», que tão galhardamente hombraia com qualquer dos grandes romancistas contemporaneos da Europa e cuja fama seria universal si não escrevesse numa lingua tão pouco espalhada, apesar de tão antiga e bella.

Fazemos votos para que o conhecido «Grupo celebre» não se veja desfalcado de uma das suas mais eminentes figuras, augmentando uma vaga impreenchivel ás já deixadas por Anthero do Quental e Oliveira Martins.

O popular e incansavel Manoel Côzo, inaugurou, noite de Natal o seu restaurant—Estaminet Europeu —com um excellente serviço, muito acoio e um notavel bom gosto quanto á baixela e louças.

Gratos ao convite que nos foi dirigido, desejamos mil prosperidades ao Estaminet.

Já deve ter apparecido no Rio o novo livro «Bom creoulo» do nosso distinctissimo confrade Adolpho Caminha.

A distincta associação «Phenix Caixaerial» teve a gentileza de participar nos a eleição da sua nova directoria, cuja posse se realisa hoje nos seus respectivos salões.

Gratos ao convite, nos faremos representar na festa da Phenix.

Não nos foi possível dar ao presente numero d'O PÃO a desejavel nitidez e esmero typographico por não possuir a officina em que o imprimimos material sufficiente.

Do numero 8 em diante será, porém, impresso em outras officinas, recentemente montadas, e é de esperar que tenhamos um trabalho satisfatorio.

ANNUNCIOS

“ESTRELLA DO ORIENTE”

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os ramos tudo o que a industria européa produz de

MAIS FINO E MAIS ELEGANTE

A «ESTRELLA DO ORIENTE» avança-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de BOM GOSTO não tem mais que procurar a

«Estrella do Oriente»

52- Rua do Major Facundo—52.

Aguiar

O proprietario desta acreditada loja de modas apressa-se em trazer a sua

AMAVEL FREGUEZIA

As suas saudações, fazendo votos para que tenha as mais venturosas festas

E a proposito de festas, cumpre-lhe chamar a atenção para os lindissimos artigos que acaba de despaçar.

A mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus elegantes caprichos, procurando o que precisam na loja

AGUIAR

69, Rua Major Facundo, 69.

PREPARADOS MEDICINAES

DO

PHARMACEUTICO CARLOS DE MIRANDA

• Aprovados pela Inspectoria de Hygiene do Estado

AGUA INGLEZA

(MODIFICADA)

Substitue vantajosamente a antiga AGUA INGLEZA em todos os casos em que se faz mister applicação d'este agente therapeutico.

Como tónico, anti-febril e um poderoso estimulante do organismo de-pauperado por graves enfermidades é um estomachico de primeira ordem.

XAROPE PEITORAL DE ANGICO COMPOSTO

Remedio maravilhoso e unico para tosse, bronchites, asthma e toda affecção pulmonar.

Praça do Ferreira, n. 6

A'S NOVIDADES

Reabriu-se a concurrencia este conhecido estabelecimento da nossa praça.

Especialidade em

QUIMQUILHARIAS

LOUÇAS E VIDROS

Artigos

Para uso domestico

Artigos em que não recceia competencia.

56—Rua Major Facundo—56

SALÃO ISIDRO

Importante barbearia com duas portas e um largo portão de frente. Trabalham simultaneamente quatro officiaes, que poderá despachar sem demora o maior numero de freguezes.

Optimos artigos de toilette e muito acao e attenção.

59, Rua da Assembléa, 59.

OLIVEIRA ROLA

AGENT

DE

Leilões

Encarrega-se de vender mercado rias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo pelos preços mais vantajosos. 20, Praça do Ferreira, 20.

Teleph ne 98

CEARA'

PHENIX CAIXEIRAL

Este novo e importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Herachito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um mgnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria européa, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: vender barato e a preço fixo

Garantem-se duas cousas: — não deixar sahir dinheiro da casa, nem desagradar o freguez.

54, Rua do Major Facundo, 54.